

Solidão e doença na metamorfose nietzschiana

Solitude and sickness in the nietzschean metamorphosis

Márcio Danelon

Resumo

O presente artigo tem por objetivo fazer um estudo sobre a relação entre vida e obra em Nietzsche. Para isso, partiremos de dois aspectos cruciais na vida de Nietzsche: a escolha pela vida solitária e as doenças que o acompanharam em sua existência e procuraremos estabelecer uma relação entre esses dois aspectos com sua obra filosófica, de tal modo que defenderemos a idéia de que a solidão e a doença influenciaram em suas elaborações filosóficas.

Palavras-chave: solidão; doença; filosofia; espírito-livre.

Introdução

A filosofia de Nietzsche ficou consagrada pela história da filosofia como um pensamento para poucos, como uma filosofia para espíritos livres, para aqueles que têm ouvido propício para ouvir e estômago¹ para gerir suas palavras, pois, como ele mesmo se intitula em *Ecce Homo*, não é homem, mas dinamite:

Conheço a minha sina. Um dia, meu nome será ligado à lembrança de algo tremendo – de uma crise como jamais houve sobre a Terra, da mais profunda colisão de consciências, de uma decisão conjurada contra tudo o que até então foi acreditado, santificado, requerido. Eu não sou um homem, sou dinamite. (NIETZSCHE, 2000, p. 109).

A despeito disso, Nietzsche foi um doente, não no sentido em que ele emprega o termo doente, a saber, os doentes de espírito, mas, fisicamente doente.

¹ Conforme afirma Nietzsche, em *Ecce Homo*: “Sou muito inquiridor, muito duvidoso, muito altivo para me satisfazer com uma resposta grosseira. Deus é uma resposta grosseira, uma indelicadeza para conosco, pensadores – no fundo até mesmo uma grosseira proibição para nós: não devem pensar!... De maneira bem outra interessa-me uma questão da qual depende mais a ‘salvação da humanidade’ do que qualquer curiosidade de teólogo: a questão da alimentação. Para uso imediato, podemos colocá-la assim: ‘como você deve alimentar-se para alcançar seu máximo de força, de virtú no estilo da Renascença, de virtú de livre de moralina?’” (NIETZSCHE, 2000, p. 35-36. No *Zarathustra*, lemos: “Quebrai, ó meus irmãos, quebrai-me também essa nova tábua! Os cansados do mundo a penduraram ali, e os pregadores da morte, e também os guarda-chaves: pois, vede, é também uma pregação de servilismo: - Porque eles aprenderam mal, e não o melhor, e tudo cedo demais e tudo depressa demais: porque eles comeram mal, por isso veio-lhes esse estômago estragado – um estômago estragado, sim, é seu espírito: é ele que aconselha a morte! Pois em verdade, meus irmãos, o espírito é o estômago! A vida é uma nascente de prazer: mas em quem fala o estômago estragado, o pai da tribulação, para este todas as fontes estão envenenadas.” (NIETZSCHE, 2000a, p.193-194).

O sofrimento físico foi, durante a história de vida de Nietzsche, seu “companheiro”. A doença constituiu-se em algo íntimo e inseparável do ser do filósofo. A história de sua vida confunde-se com a história de seus sofrimentos físicos e psíquicos; ambos caminharam desde a adolescência até o seu crepúsculo: Nietzsche morreu em virtude de um colapso cerebral que foi vítima em 1889.

Por outro lado, além de sofrer de graves crises físicas, Nietzsche fora, também, um solitário que se refugia em si mesmo, pois não pode encontrar em nenhum outro, para encontrar o tipo de homem superior:

Foi assim que há tempo, quando necessitei, *inventei* para mim os ‘espíritos livres’, aos quais é dedicado este livro melancólico-brioso que tem o título de *Humano, demasiado humano*: não existem esses ‘espíritos livres’, nunca existiram – mas naquele tempo, como disse, eu precisava deles como companhia, para manter a alma alegre em meio a muitos males (doenças, solidão, exílio, acedia, inatividade): como valentes confrades fantasmas, com os quais proseamos e rimos, quando disso temos vontade, e que mandamos para o inferno, quando se tornam entediantes – uma compensação para os amigos que faltam. (NIETZSCHE, 2000b, p. 8-9).

A solidão foi uma escolha pessoal do filósofo. Na escola provincial de Pforta, Nietzsche tinha poucos e seletos amigos, somente aqueles que podia compartilhar de sua formação religiosa sólida, apesar de ainda pueril. A péssima experiência como professor de filologia em Basileia, pois seu primeiro texto – *A origem da tragédia* – foi recebido com um silêncio sepulcral, materializou-se em gritos, contra o sistema de ensino e a universidade alemã, conhecidos como *Considerações Extemporâneas*. Nietzsche optou pela vida errante, acreditamos, para, livremente e sem as obrigações burocráticas de professor universitário, poder produzir sua filosofia que, segundo ele mesmo, é para poucos:

Na *terceira* e na *quarta* Extemporâneas são contra isso levantadas, como indicações para um *mais elevado* conceito de cultura, para restauração do conceito ‘cultura’, duas imagens do mais severo *amor de si, cultivo de si*, tipos extemporâneos *par excellence*, plenos de soberano desprezo por tudo o que ao seu redor se chamava ‘Reich’, ‘cultura’, ‘Bismarck’, ‘êxito’ – Schopenhauer e Wagner, *ou*, em *uma* palavra, Nietzsche... (NIETZSCHE, 2000, p. 67).

O objetivo desse texto não é estudar as doenças e a solidão de Nietzsche a suas diversas implicações; não temos por objetivo estipular as inúmeras manifestações doentias vividas pelo filósofo durante sua vida, e nem tão pouco buscar as causas desses sofrimentos ou de sua opção pela vida solitária. O nosso objetivo consiste em



DANELON, Márcio.
Solidão e doença na
metamorfose nietschiana.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 65-89,
2002.

sublinhar uma das conseqüências na vida de Nietzsche que seu estado doentio possibilitou, a saber, a metamorfose do cristão para o ateu vivida pelo filósofo. O nosso propósito consiste em determinar que um dos elementos que tornou possível essa metamorfose foi justamente o seu estado doentio e sua solidão. O argumento que utilizaremos será a afirmação de Nietzsche de que foi seu estado físico degenerado e um solitário, o que lhe possibilitou edificar seu edifício filosófico.

1- Suas doenças

Além de sofrer com a morte de seus familiares, Nietzsche sempre foi, desde a infância, debilitado fisicamente, sofrendo constantemente de dores estomacais, de cabeça e nos olhos. Foi assim em Pforta, de acordo com o diário médico oficial desta escola, o qual reproduzimos:

- 1859. Reumatismo, 15-20. III; Catarro, 2-9. XI.
- 1860. Catarro (30. XII. 1859), 5-16. I; Reumatismo (4. XII), 12-26. VI.
- 1861. Jaqueca esfriamiento (18), 19-27. I; Dolor reumático de cuello y de cabeza, a partir del 30. I [...] Catarro, 28-30. X; Jaquecas reumáticas, 4-16. XI.
- 1862. Congestion de cabeza, 7-11. I; Dolor de cabeza, 4-13. III; Catarro, 17-24. VI; Congestion de cabeza, 16-25. VIII [...] Reumatismo, 24-28. XI.
- 1863. Catarro, 2-5. II; Catarro, 24-IV-5. V; Inflamación del oído, del *processus mastoidei ossis petrosi*, 7-20. V; Diarrea, 12-16. XII.
- 1864. Catarro, II-13. II; Congestion de cabeza del 3 al 5. V. (JANZ, 1987, p. 113).

Foi assim também durante seus trabalhos de professor na Universidade da Basileia, onde constantemente tirava licenças para tratar de sua saúde. A aposentadoria remunerada que ganhou dessa Universidade (1879) foi por motivos de saúde. As suas limitações físicas o acompanharam durante seus anos de filósofo errante (1879-1889) e finalmente durante seu último período de vida quando já estava avançada sua debilidade mental.

Parece que Nietzsche viveu, constantemente, a dor da morte, a dor de sentir a vida se esvaecendo. Nietzsche viveu a tragicidade da vida humana: o tênue fio que separa da morte o frágil corpo humano. Aprendeu a conviver com a pequena e insignificância que é a vida humana. A doença sempre foi o principal empecilho vivenciado pelo filósofo no cultivo de uma vida menos traumática. Fo-

ram essas debilidades físicas que impossibilitaram-no, diversas vezes, o desenvolvimento de seus estudos, executar viagens ou visitar amigos. A doenças, os sofrimentos foram como que ferro fervente que marcou profundamente a vida de Nietzsche; foram como que hóspedes que se instalaram em seu corpo mas que nunca o deixaram; foram como que sanguessugas, invadindo e apoderando-se de sua saúde.

Em uma carta, de 1880, endereçada ao seu amigo Gustav Krung, Nietzsche caracteriza a doença como algo que o subjuga totalmente:

Permaneceste fiel à tua arte. Tudo o que dela me contas produziu-me íntimo contentamento, e espero chegar a uma idade mais favorável ao meu corpo do que a atual, e na qual possamos tornar a reunirmo-nos para, juntos, ver surgir o nosso passado das tuas notas [...] Não posso dizer mais; a minha doença, que ainda, como sempre, tem cada dia a sua história própria, põe sobre mim a sua mão dominadora. Quando pensares em mim (como neste meu último aniversário, de que eu próprio estava esquecido), crê que não me faltam paciência e coragem e que, seja qual for o meu estado, não careço de bons e elevados propósitos. Crê, também, que sou e serei sempre o teu cordial amigo. (NIETZSCHE, [19--], p. 187-188).

No *Ecce Homo*, Nietzsche faz, literalmente, um prontuário médico de seu estado de saúde e das enfermidades que assolam sua existência:

Em meio ao martírio que traz consigo uma incessante dor de cabeça de três dias, acompanhado de penosa expectoração – possuía eu uma clareza de dialético *par excellence* e pensava inteiramente, com sangue-frio, coisas para as quais em condições mais sãs não sou ousado, refinado e *frio* o bastante [...] Impossível demonstrar qualquer degeneração local; nenhum mal do estômago de causa orgânica, embora freqüentemente, como consequência do esgotamento geral, grande debilidade do sistema gástrico. Também o mal da vista, por vezes aproximando-se perigosamente da cegueira... (NIETZSCHE, 2000, p. 24).

A debilidade física foi algo que impregnou tal ponto a vida de Nietzsche que esta passou a fazer parte constitutiva de seu ser. Ele foi essencialmente um ser doente e frágil. A sua história é a de um homem que sofreu fisicamente as dores de sua debilidade. Salomé define dessa forma a história de vida do filósofo: “A história desse ser único é do princípio ao fim uma *história de sofrimento* e não se compara a qualquer individualismo genérico; seu conteúdo revela menos ‘auto-suficiência’ do que ‘*auto-tolerância*’”. (SALOMÉ, 1992, p. 41).



DANELON, Márcio.
Solidão e doença na metamorfose nietschiana.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 65-89,
2002.

☞
DANELON, Márcio.
Solidão e doença na
metamorfose nietschiana.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 65-89,
2002.

Se a filosofia de Nietzsche sempre se caracterizou como um fruto da mais pura independência de espírito, do mais livre pensar, seu estado físico implicava em constante dependência dos amigos.

A total independência de pensamento de Nietzsche aconteceu após a sua retirada da Basileia. Durante seus anos de catedrático em Filologia, desejava ardentemente se libertar dessas obrigações profissionais.² Para poder produzir suas concepções filosóficas, precisava de tempo, tempo esse que seu cargo não lhe proporcionava. Em uma correspondência de 1874, cujo destinatário era seu amigo Gersdorff, Nietzsche expressava esse desejo de liberdade:

Se soubesse quão desanimada e melancolicamente penso em mim como criatura criadora! Procuo somente um pouco de liberdade, de verdadeira atmosfera vital, e defendo-me e revolto-me contra o muito, indizivelmente muito, que me aprisiona. Ninguém pode falar de uma produção verdadeira, enquanto não for mais livre, enquanto não se tiver libertado da aflição e do sofrimento. (NIETZSCHE, [19--], p. 133).

Foi a partir da época em que foi escrito da obra *Assim Falou Zaratustra* (início da década de 80 do século XIX), que podemos afirmar, de uma forma categórica e explícita, a independência de pensamento de Nietzsche:

O meu *Zaratustra*, que te enviarei esta semana, revelar-te-á a elevação do vôo da minha vontade. Não te deixes enganar pela forma legendária do meu livro. Atrás das suas simples e estranhas palavras, está a minha mais profunda seriedade e toda a minha filosofia. É uma forma de me dar a conhecer e nada mais. Sei muito bem que não existe ninguém capaz de fazer qualquer coisa semelhante ao meu *Zaratustra*. (NIETZSCHE, [19--], p. 225).

Em seu texto autobiográfico *Ecce Homo*, também encontramos um aceno a esta peculiar liberdade frente aos outros filósofos:

Prevedo que dentro em pouco devo dirigir-me à humanidade com a mais séria exigência que jamais lhe foi colocada, parece-me indispensável dizer *quem sou* [...] Nessas circunstâncias existe um dever, contra o qual no fundo rebelam-se os meus hábitos, e mais ainda o orgulho de meus instintos, que é dizer: *Ouçam-me! Pois eu sou tal e tal. Sobretudo não me confundam!*. (NIETZSCHE, 2000, p. 17).

Se Nietzsche prima pela total independência de pensamento, isto não ocorre com respeito ao seu estado físico. Diversas vezes a doença impossibilitou-o de executar suas atividades estudantis em Pforta, conforme Janz:

2 É conhecido da literatura nietschiana, o total descontentamento de Nietzsche com sua cátedra na Universidade da Basileia, não somente por ter seu estado de saúde se degenerado, mas, também, por se sentir constringido na sua produção filosófica. É nesse cenário, que Nietzsche caracteriza seu período na Basileia como sendo de sombras: “No mesmo ano em que sua (do pai de Nietzsche) vida cedia, também a minha declinava: aos trinta e seis anos atingi o ponto mais baixo de minha vitalidade – ainda vivia, sem no entanto enxergar três passos adiante. Então – era o ano de 1879 – abandonei minha cátedra na Basileia, vivi o verão como uma sombra em St. Moritz e o inverno seguinte, o mais pobre de sol de minha vida, sendo sobra em Naumburg.” (NIETZSCHE, 2000, p. 23).

Los enfriamientos no cesaron en este año de 1861. El 28 de octubre tuvo que instalarse nuevamente en la enfermería. ‘Tengo un pulso tremendamente rápido, el cuello hinchado y me duele la región occipital. Además, tengo constantemente escalofíos. Me siento como enmohecido. Todo como el año pasado, en vispera de aquella gran jaqueca.’ Esta vez volvió, sin embargo, a encontrarse bien al cabo de pocos días. (JANZ, 1987, p. 114-115).

Impossibilitou-o de ministrar aulas na Universidade de Basileia, conforme Halévy (1989, p. 175), e, também, dificultou a elaboração de textos:

Humano, demasiado humano [...] foi redigido no principal em Sorrento; recebeu sua conclusão e sua forma definitiva em um inverno na Basileia, sob condições bem mais desfavoráveis que em Sorrento. No fundo é o Sr. *Peter Gast*, então na Universidade da Basileia, e a mim muito afeiçoado, quem tem este livro na consciência. eu ditava, a cabeça enfaixada e dolorida, ele escrevia, e corrigia também – ele foi, no fundo, o verdadeiro escritor; eu fui apenas o autor. (NIETZSCHE, 2000b, p. 76).

A doença tornava por demais limitadas as ações de Nietzsche. Qualquer atividade que fosse executar teria antes que levar em consideração as dificuldades que sua debilidade física lhe imputava. A dimensão de sua existência estava circunscrita às possibilidades que seu estado de saúde lhe permitia, ou seja, sua atividade estudantil e profissional, suas viagens e lugares onde permaneceu, deveriam estar em concordância com seu estado físico. É com respeito a isso que ele escreveu, em 1888, uma carta ao seu amigo Brandès:

A história das minhas primaveras, pelo menos de há uns quinze anos para cá, é uma história espantosa, uma fatal continuidade de franqueza e decadência. Os sítios onde passei não tiveram a mínima influência benéfica; nem eles, nem os diversos regimes, nem nenhum clima, conseguiram modificar o caráter essencialmente depressivo desta época. mas, oh surpresa! Turim e as suas notícias, meu ilustre amigo, demonstraram-me que eu ainda vivia... (NIETZSCHE, [19--], p. 279).

E, no mesmo ano, à sua irmã: “Como estou em meio do trabalho decisivo da minha vida, a primeira condição indispensável, para mim, é observar uma regra perfeita durante uns anos. Inverno, Nice; Primavera, Turim; Verão, Sils e, nos dois meses de Outono, Turim, novamente.” (NIETZSCHE, [19--], p. 292).

Um dos problemas físicos enfrentados por Nietzsche, diz respeito aos constantes mal-estares relacionados ao seu estômago.



DANELON, Márcio.
Solidão e doença na metamorfose nietzschiana.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 65-89,
2002.

Além dos problemas já citados no diário médico de Pforta, encontramos uma carta a Rodhe (1871), em que expressa seus terríveis sofrimentos causados pelo estômago:

Ai, quanto desejo a saúde! Faça-se qualquer coisa que dure mais do que nós próprios e, então, daremos graças por cada noite bem dormida, por cada raio de sol, até por cada digestão normal! Mas, desgraçadamente, há em mim não sei que órgãos do estômago perturbados, que me produzem insônias, nervosismo, hemorróidas, sabor de sangue, etc. (NIETZSCHE, [19--], p. 94).

Também os olhos eram motivos de limitações para Nietzsche. Eram constantes suas dores nos olhos, talvez em decorrência das dores de cabeça que freqüentemente o atacavam. Além desse problema, Nietzsche possuía uma vista extremamente deficiente: “Também o mal da vista, por vezes aproximando-se perigosamente da cegueira, apenas decorrência, nada causal: de modo que cada aumento da força vital também a força da visão cresceu”. (NIETZSCHE, 2000, p. 24). Salomé escreveu a impressão que lhe causou essa visão deficiente de Nietzsche: “A visão deficiente dava a seus traços uma qualidade toda especial de encanto, pois, em vez de refletir impressões exteriores cambiantes, reproduzia apenas o que se passava em seu interior. Eram olhos que olhavam para o interior ...” (SALOMÉ, 1992, p. 35).

Se o estado de debilidade física que traspassou a existência de Nietzsche implicou em severos sofrimentos, constantes privações e, até certo ponto, dependências em relação a outras pessoas, podemos afirmar que este mesmo estado doentio se constituiu numa condição de possibilidade para a efetivação da metamorfose nietschiana. Podemos efetuar essa afirmação tendo em mente a idéia de que as diversas doenças foram, na verdade, pano de fundo que tornou possível a Nietzsche o desenvolvimento de uma visão diferente de mundo em relação àquela herdada de sua educação familiar.

As doenças e sofrimentos que viveu durante sua existência foram um dos motivos que transformaram o espírito o filósofo, possibilitando-lhe o rompimento com o cristianismo e a edificação de toda a sua filosofia. As doenças se constituíram, nessa perspectiva, como um elemento positivo ao desenvolvimento intelectual de Nietzsche. As doenças e sofrimentos não eram apenas sentidos, mas vivenciadas fisicamente e espiritualmente. Nietzsche vivia profundamente doença e todas as implicações que ele impunha sem se poupar em nada.

A idéia de doença possui, na existência de Nietzsche, uma característica extremamente singular: ela implica em sofrimentos, pri-

vações e dependência, mas tudo isso desemboca num pólo positivo, a saber, a transformação do espírito, surgindo, com isso, um novo e diferente conceito de vida e cultura. As doenças possibilitaram o amadurecimento de idéias latentes de Nietzsche e contrárias em relação à sua educação cristã familiar. A doença possui os elementos necessários para que se efetive a transformação do seu espírito, ou seja, foi um dos pontos necessários a mudança de direção das aspirações do filósofo. Segundo Salomé, Nietzsche disse a ela, em uma de suas inúmeras conversas filosóficas, sobre o papel desempenhado pelo constante sofrimento no espírito humano:

Nietzsche descreve a influência que os humores do doente e do convalescente exercem sobre o pensamento, acompanha as mais sutis transições desses humores até as raízes do intelectual. Uma doença periodicamente recorrente como a sua interrompe continuamente uma fase qualquer da vida, separando-a com isso uma fase precedente e fornecendo ao indivíduo as experiências e a consciência de duas naturezas. Faz as coisas se tornarem continuamente novas para o espírito – ‘saber a novo’, diz Nietzsche certa vez com extrema justeza – e lança um olhar totalmente novo mesmo sobre o mais comum e mais cotidiano. (SALOMÉ, 1992, p. 39).

As doenças assumem a figura, mesmo que metaforicamente, do fogo que tudo consome com seu calor; que, com o poder implacável das suas chamas, tudo transforma em algo diferente do que era. A doença, segundo Nietzsche, possui o mesmo poder do fogo, que através da dor causada pelo calor, transforma tudo que entra em contato com ele.

As moléstias que viveu se constituíram numa espécie de propulsor que lhe empurrava à busca de conhecimento, de novos conhecimentos, conforme o prólogo de *Humano, demasiado humano*:

Desse isolamento doentio, do deserto desses anos de experimento, é ainda longo o caminho até a enorme e transbordante certeza e saúde, que não pode dispensar a própria doença como meio e anzol para o conhecimento, até a *madura* liberdade do espírito, que é também autodomínio e disciplina do coração e permite o acesso a modos de pensar numerosos e contrários – até a amplidão e refinamento interior que vem da abundância... (NIETZSCHE, 2000b, p. 10-11).

As doenças despertaram nele a necessidade de estudar, por exemplo, a sua própria doença e o que melhor necessitava para efetivar a cura. Em uma carta a sua mãe (1881), Nietzsche descreve que, não obstante a sua falta de saúde e estado físico debilitado, sentia-se saudável em virtude das longas e constantes caminhadas. Na mesma carta, afirma:



DANELON, Márcio.
Solidão e doença na
metamorfose nietschiana.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 65-89,
2002.

Mesmo que, em Recoaro, a vida me tivesse fugido, teria morrido ali um dos homens mais independentes e superiores, e não um desesperado. O gênero da minha dor cerebral é muito difícil de precisar, e eu vou estando cada dia mais senhor da matéria científica necessária para defini-lo por mim mesmo [...] Não se enfade comigo, se pareço ferir os seus carinhos e interesse, nesta ocasião. Quero ser, de aqui por adiante, o meu próprio médico, e os homens hão de dizer que fui bom e não unicamente para mim. (NIETZSCHE, [19--], p. 194).

Para Nietzsche, a sua debilidade física se constituiu, então, num meio para o conhecimento. O sofrimento foi uma das causas que conduziu o filósofo à busca de novos conceitos. Dos textos de Nietzsche, muitos nasceram desse estado físico debilitado, como ele mesmo afirma sobre *Assim Falou Zaratustra*:

O inverno seguinte vivi na calma e graciosa baía de Rapallo, não longe de Gênova, entalhada entre Chiavari e o promontório de Porto Fino. Minha saúde não era a melhor; o inverno frio e chuvoso ao extremo; um pequeno albergue, situado à beira mar, de modo que à noite a maré alta tornava o sono impossível, oferecia em quase tudo o oposto do que seria desejável. Apesar disso, e como que para demonstrar minha tese de que tudo decisivo acontece apesar de tudo, foi nesse inverno e nesse desfavorecimento das circunstâncias que meu Zaratustra nasceu. (NIETZSCHE, 2000, p. 83).

E também sobre o livro *Humano, Demasiado Humano*, em que se expressou dessa forma numa carta, de 1879, a Gast:

Fiz prova da minha concepção do Universo; outros a provarão no futuro. Os meus prolongados e penosos sofrimentos não conseguiram ainda deprimir o meu espírito e, pelo contrário, julgo sentir-me agora mais sereno e cheio de benevolência do que nunca, na minha vida. [...] Ao ler este meu último manuscrito, seja V., meu querido amigo, se pode encontrar-lhe vestígios de sofrimento e de depressão. Creio que não há-de encontrá-los e esta crença é já um sinal de que, nas minhas doutrinas, se escondem forças e não desfalecimento e fadiga, que é aquilo que nelas buscarão aqueles que me são adversos. (NIETZSCHE, [19--], p. 174).

De acordo com esses indícios, podemos afirmar ser a doença uma espécie de fonte de inspiração. Nietzsche conseguiu buscar nos mais profundos e dolorosos sofrimentos a força necessária à elaboração de sua filosofia. Tal como a mitológica Fênix, que dos escombros ressurgiu em todo o seu poder e esplendor, Nietzsche também pariu sua filosofia de seu mais profundo e intenso estado de debilidade. Se Nietzsche foi, fisicamente, um doente, o mesmo não podemos afirmar com respeito ao seu espírito. Em seus textos encontra-

mos, sempre, uma extrema valorização do espiritualmente sadio. Ele foi, em suas faculdades, um ser extremamente sadio. A partir de suas doenças, sofrimentos e debilidades físicas, Nietzsche expressava todo o seu exuberante e sadio espírito. "... Nietzsche flagela-se, não para se aniquilar ou morrer, mas para atingir as febres e ferimentos de que precisa. Essa *exigência de dor* percorre toda a história de Nietzsche e representa a verdadeira fonte de seu espírito..." (SALOMÉ, 1992, p. 40). Numa passagem, já clássica, do *Crepúsculo dos Ídolos*, e que tem o sugestivo título de *Da escola de guerra da vida*, Nietzsche traz a idéia da força, da luta e da adversidade como elementos constituidores de um espírito livre: "Aquilo que não me faz morrer me torna mais forte". (NIETZSCHE, 1995, p. 46). Nessa perspectiva, portanto, para a emergência do tipo de homem que carrega em seu bojo aquilo que Nietzsche chamou de espírito livre, necessário se faz a experiência da adversidade, do constrangimento, da luta; é da crise que se tira a força do espírito e a saúde da alma. Os fortes o são pelo confronto com as adversidades:

Os juízos de valor cavaleiresco-aristocráticos têm como pressuposto uma constituição física poderosa, uma saúde florescente, rica, até mesmo transbordante, juntamente com aquilo que serve à sua conservação: guerra, aventura, caça, dança, torneios e tudo que envolve uma atividade robusta, livre e contente. (NIETZSCHE, 1988, p. 29).

Ora, se a filosofia de Nietzsche é para os de espírito livre, pois dela emerge o ideal de superação do homem moderno, extremamente doente, esta filosofia é produto de um espírito livre que teve nas adversidades da existência a experiência para a superação de si mesmo. Se a filosofia de Nietzsche é para espíritos livres, ela o é, pois seu autor tirou da dor de sua existência o elemento motivador desta filosofia, como se esta fosse um espelho que reflete o inverso de si mesmo. Dessa forma, a filosofia de Nietzsche é o exemplo máximo da materialização de um homem que, apesar de fisicamente doente, é em seu espírito, forte. Nas palavras escritas por Nietzsche emergem o ideal de homem sadio, pois sua filosofia é para poucos, para os poucos que tem a força, física, também, para enfrentar o frio e o cume dos altos:

Tem coragem, meu irmão? Tem coração? Não coragem diante de testemunhas, mas coragem de solitário e daqueles, ao qual nem mesmo um deus, se faz mais do que espectador?

Alma ria, cego, bêbado, não são para mim corajosos. Tem coração aquele que conhece o medo, *mas tem sobretudo controle* sobre o medo; que olha no abismo, mas com *orgulho*.



DANELON, Márcio.
Solidão e doença na metamorfose nietschiana.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 65-89,
2002.

Que olha no abismo, mas com olhos de águia – que com garras de águia prende o abismo: isto constitui o corajoso. (NIETZSCHE, 2000a, p. 273).

Em *Ecce Homo*, encontramos, talvez, o depoimento mais singular de Nietzsche sobre sua própria filosofia. Nele, lemos a autoconstatação de que das mãos de Nietzsche brotam a mais pura e sadia filosofia, aquela que é destinada somente para os de espírito sadio, pois são estes os que têm a força para provar de sua filosofia:

Quem sabe respirar o ar de meus escritos sabe que é um ar das alturas, um ar *forte*. É preciso ser feito para ele, senão há o perigo nada pequeno de se resfriar. O gelo está próximo, a solidão é monstruosa – mas quão tranqüilas banham-se as coisas na luz! Com que liberdade se respira! Quantas coisas sente-se *abaixo* de si! – filosofia, tal como até agora a entendi e vivi, é a vida voluntária no gelo e nos cumes – a busca de tudo o que é estranho e questionável no existir, de tudo o que a moral até agora banuiu. (NIETZSCHE, 2000, p. 18).

Sublinho, nesta citação, um “sarcasmo” bem ao estilo nietschiano, pois, se ele foi fisicamente doente, a sua filosofia, bem ao contrário, é para os fortes, aqueles que podem respirar o ar das alturas, e aqueles que forem fortes, não de espírito para suportar a sua filosofia, mas de corpo, podem pegar um resfriado, ou seja, podem ficar fisicamente doentes. Por outro lado, esta filosofia que brota de um espírito ímpar e saudável, é uma filosofia que resgata aquilo que a moral sempre banuiu, isto é, o questionável, o estranho.

No texto *Ditirambos de Dionísio*, encontramos a mesma perspectiva de uma filosofia do espiritualmente sadio, uma vez que o Zaratustra representa e encarna o tipo de homem superior que Nietzsche anuncia pela boca do próprio Zaratustra:

Tu (Zaratustra) alimentaste-nos com fortes manjares viris e com vigorosas máximas: não permitas que à sobremesa nos ataquem de novo com os moles espíritos mulheris!

Só tu tornas macio e claro o ar que te rodeia! Alguma vez encontrei na Terra ar tão bom como o da tua gruta?

Muitas terras já vi, o meu nariz já aprendeu a provar e comparar ares diversos: mas é junto a ti que as minhas narinas sentem o mais inebriante prazer! (NIETZSCHE, 1993, p. 29).

No sentido mais profundo do termo, doença significa, na ótica nietschiana, estar sofrendo do espírito, da moral e não do corpo. O doente é aquele que está moralmente debilitado, ou seja, é o indivíduo decadente, ressentido, impregnado pela ilusão da ciência e da religião. Se Nietzsche foi um doente, isto é correto somente se

nos referirmos ao seu estado de saúde física. Não obstante isso, o seu espírito se encontrava liberto de toda essa moral decadente, como ele próprio conceituava. A doença física nada mais era que um estímulo para a permanência de seu estado de espírito totalmente isento dessa moral decadente.

Tomei a mim mesmo em mãos, curei a mim mesmo: a condição para isso: – qualquer fisiólogo admitirá – é *ser no fundo sadio*. Um ser tipicamente mórbido não pode ficar sadio, menos ainda curar-se a si mesmo; para alguém tipicamente sadio, ao contrário, o estar enfermo pode ser até um energético *estimulante* ao viver, ao mais-viver. De fato, assim me aparece agora aquele longo tempo de doença: descobri a vida e a mim mesmo como que de novo, saboreei todas as boas e mesmo pequenas coisas, como outros não as teriam sabido saborear – fiz da minha vontade de saúde, de *vida*, a minha filosofia. Pois atente-se para isso: foi durante os anos de minha menor vitalidade que *deixei* de ser um pessimista: o instinto de auto-restabelecimento proibiu-me uma filosofia da pobreza e do desânimo... (NIETZSCHE, 2000, p. 25).

Para Nietzsche, o meramente livre, independente; o homem de espírito independente, o além-homem, este é o ser que é pautado a possibilidade de descer os olhos nos instintos de decadência, na moral dos escravos. Somente ao sadio moralmente é possível vir a conhecer o moralmente debilitado. Para isso, é necessário ser temerário:

Alguém quer descer os olhos ao segredo de como se *fabricam ideais* na terra? Quem tem a coragem para isso?... Muito bem! Aqui se abre a vista a essa negra oficina. Espere ainda um instante, senhor Curioso e Temerário... (NIETZSCHE, 1988, p. 45).

Nietzsche é o filósofo sadio que conheceu essa moral decadente e, posteriormente, os valores sadios. É em virtude disso que foi possível a transvalorização de todos os valores. Numa carta a Malwida, de 1880, afirmou:

A minha vida, nestes últimos anos, pode comparar-se, quanto a torturas e privações, como de qualquer asceta de qualquer época. Apesar disso, consegui neste tempo suavizar e purificar de tal forma a minha alma que já não necessito, para isso, nem de religião nem da arte. Com efeito, o completo abandono levou-me a descobrir em mim próprio as fontes que haviam de prestar-me ajuda. (NIETZSCHE, [19--], p. 179).

Foi com seu constante estado de debilidade física que Nietzsche conseguiu libertar-se dessa moral decadente; foi da doença física que pode escrever sobre a moral aristocrática, sobre o além-homem. Nietzsche transmutou seus valores com o auxílio de suas debilidades físicas.



DANELON, Márcio.
Solidão e doença na metamorfose nietschiana.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 65-89,
2002.

A doença física e seus intermináveis sofrimentos arrebataram Nietzsche a buscar novos conhecimentos. Ela tornou possível o surgimento de um pólo positivo: a libertação da moral decadente recebida em sua infância e a erupção de uma moral livre, independente; possibilitou o surgimento de um novo homem – o além-homem; possibilitou-lhe a transvalorização de todos os valores. Em seu texto *Ecce Homo*, Nietzsche deixa bem explicitada essa posição, falando a respeito do livro *Humano, Demasiado Humano*:

Naquela época decidi-me inflexível pelo fim daquele ceder, seguir, confundir-se com outros. Qualquer espécie de vida, as condições mais desfavoráveis, doença, pobreza – tudo me pareceu preferível àquela indigna ‘falta de si’, na qual havia caído por ignorância, por *juventude*, e na qual havia permanecido por letargia, pelo chamado ‘sentimento do dever’. – Nisso me veio ajuda, de uma maneira que não posso admirar o bastante, e precisamente no tempo certo, aquela *má* herança por parte de meu pai – no fundo uma predestinação a uma morte temporã. A doença *libertou-me lentamente*: poupou-me qualquer ruptura, qualquer passo violento e chocante. Não pedi então nenhuma benevolência, ganhei muitas mais. A doença deu-me igualmente o direito a uma completa inversão de meus hábitos; ela permitiu, ela me *ordenou* esquecer; ela me presenteou com a *obrigação* à quietude, ao ócio, ao esperar e ser paciente... Mas isso significa pensar! (NIETZSCHE, 2000, p. 75).

Numa outra passagem de *Ecce Homo*, encontramos, de forma bastante clara, o papel desempenhado pela doença na libertação do espírito de Nietzsche, e como que esta operou de forma a construir os elementos necessários para emergir do espírito sadio de Nietzsche, uma filosofia igualmente sadia:

Sem considerar que sou um *decadente*, sou também o seu contrário. Minha prova para isso é, entre outras, que instintivamente sempre escolhi os remédios *certos* contra os estados ruins: enquanto o *decadente* em si sempre escolhe os meios que o prejudicam. Como *summa summarum* eu era sadio, como ângulo, como especialidade era *decadente*. Aquela energia para o absoluto isolamento e desprendimento das relações habituais, a imposição de não mais me deixar cuidar, servir, *socorrer* – isso trai a incondicional certeza de instinto sobre *o que*, então, era mais do que tudo necessário. Tomei a mim mesmo em mãos, curei a mim mesmo: a condição para isso – qualquer fisiólogo admitirá- é *ser no fundo um sadio*. Um ser tipicamente mórbido não pode ficar são, menos ainda curar-se a si mesmo; para alguém tipicamente sadio ao contrário, o estar enfermo pode ser até um enérgico *estimulante* ao viver, ao mais-viver. De fato, assim me parece agora aquele longo tempo de doença: descobri a vida e a mim mesmo como que de novo, saboreei todas as boas e mesmo pequenas coisas, como outros não as teriam sabido saborear – fiz a minha vontade de saúde, de *vida*, a minha filosofia... Pois atente-se para isso: foi durante os anos de minha menor vitalidade que *deixei* de ser um pessimista: o instin-

to de auto-restabelecimento proibiu-me uma filosofia da pobreza e do desânimo. (NIETZSCHE, 2000, p. 25).

2- Sua solidão

A solidão constituiu-se, na vida de Nietzsche, em um traço marcante de sua personalidade. O seu espírito estava circunscrito pelo cunho do isolamento, ou seja, a sua vida intelectual foi caracterizada pela solidão.

Podemos afirmar que a solidão em Nietzsche manifestou-se sob dois aspectos distintos: a solidão física que experimentou desde Pforta e a solidão espiritual, inaugurada, basicamente, com seus escritos: *A Origem da Tragédia*. Solidão corporal e espiritual designam, então, o completo estado de isolamento que viveu durante sua existência. O ser de Nietzsche estava marcado com o ferro da solidão. Nesse sentido, é correto afirmarmos que, além da doença, a solidão constituiu-se num traço essencial e fundamental do ser do filósofo. Para podermos nos aventurar pelos seus pensamentos, temos que ter como cenário sua solidão.

Desses dois traços da solidão, o isolamento espiritual foi, sem dúvida, o mais importante e marcante em sua vida. A solidão de pensamento e de reflexão expressos em seus livros foram os que mais dores e sofrimentos lhe causaram. Nietzsche sofria, e expressava essa solidão escrevendo, por não encontrar no mundo acadêmico, ressonância para seus pensamentos.

Não obstante essas considerações, Nietzsche também viveu mergulhado num estado de isolamento físico. Durante boa parte de sua existência, não se misturou, de uma forma mais íntima, com outras pessoas; não manteve qualquer relacionamento duradouro, no que tange o aspecto físico. Todos os amigos que permaneceram ao seu lado, até o colapso cerebral que foi vítima (1889), permaneceram por estarem ligados pelos laços da filosofia e das idéias. Entre eles podemos destacar: Erwin Rodhe, Overbeck, Barão de Gersdorff, Peter Gast, Malwida von Meysenbug.

Se a primeira separação de sua família foi, ao pequeno filósofo, extremamente dolorosa – quando foi para o Instituto Privado de Pforta em 1859, sendo um estudante interno – as outras que se sucederam foram por sua própria opção – Bonn, Leipzig – sem qualquer sinal de sofrimento. No decorrer de sua evolução intelectual, as visitas à família se tornaram sucessivamente mais escassas, alimentadas, com certeza, pela total incompatibilidade de idéias e crenças. Parece que a solidão física sempre foi um acontecimento



DANELON, Márcio.
Solidão e doença na
metamorfose nietschiana.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 65-89,
2002.

que procurou perpetuar em sua existência, seja ela entre seus familiares, seus colegas de trabalho na Universidade da Basileia ou seus amigos de afinidade intelectual.

A solidão física a que Nietzsche esteve submetido desde sua juventude somente pode concretizar-se com o fatalismo de suas doenças físicas:

Porém, o ensejo de transformar seu isolamento interior tão completamente quanto possível num isolamento exterior só lhe foi dado por seu *souffrimento corporal*, que o afastou dos homens e que só lhe permitiu relações com grandes interrupções, mesmo com alguns de seus amigos – sempre relações raras, a dois. (SALOMÉ, 1992, p. 38).

Foi com suas constantes doenças e sua debilidade física, que a solidão física de Nietzsche vingou. Foram as inúmeras doenças as quais o arrebataram que impediram-no de cultivar convivências mais íntimas.

As doenças que o corpo de Nietzsche esteve submetido ajudaram a perpetuar o desejo de uma vida nômade e solitária. Foi em função de seu constante estado de debilidade física que o conduziu a uma vida solitária. Nietzsche auto-indicou-se como meio de curar sua dor, o completo isolamento, a vida solitária:

Não deixa de resultar curioso que ele mesmo chegara, a este respeito, a idéia de um meio curativo – ao qual, segundo parece, tentou justificar-se frente Zimmermann (médico da escola Pforta) como frente a sua mãe no ano anterior –, a saber, a renúncia a sua amada música e o recurso, em seu lugar, da solidão e dos passeios. Desviou da música que lhe destruía os nervos. Temos aqui o argumento com que ele anos depois justificaria seu desvio de Wagner. Em seus anos mais frutíferos, a solidão e gosto pelos passeios foram, certamente, um dos fundamentos de sua existência. (JANZ, 1987, p. 115-116. Entre parênteses é meu).

A partir dessa citação, podemos afirmar que foram suas doenças físicas as fomentadoras de sua eleição por uma vida solitária. Se a debilidade física acompanhou-o durante sua existência, e um dos meios curativos para tal era, pensava ele, a solidão, então esta se constituiu em algo essencial na personalidade de Nietzsche.

A convivência ininterrupta com doenças cunhou no espírito do filósofo a marca do solitário. Em uma carta datada de 1882 e endereçada a sua amiga Malwida, expressou o valor da solidão para a sua saúde. Nela, Nietzsche repugna todo o convívio com pessoas. Diz ele:

Se nada disso fosse possível, sempre nos ficaria Roma, ainda que a minha desconfiança acerca do seu clima, e até das grandes cidades em geral,

se baseie, como V. sabe, em razões difíceis de destruir. A solidão, no meio da mais solitária natureza, tem sido, até agora, o meu meio curativo; as modernas cidades populosas, como Roma e também Zurique, que acabo de abandonar, convertem-se inevitavelmente num ser excitável, triste, inseguro, doente incapaz de produzir. (NIETZSCHE, [19--], p. 256-257)

As pessoas, as massas constituem, então, em algo repulsivo que o espírito de Nietzsche não se permitia à convivência. O filósofo errante é um ser solitário; traz no bojo de seu ser, o cunho da solidão. Esta é algo essencial em seu ser e fundamental para compreendermos tal personalidade. Salomé pôde ter contato com tal solidão em seus encontros com Nietzsche. Diz ela: “Difícilmente se poderia imaginar essa figura em meio a uma multidão humana; ela trazia o cunho do isolamento e da solidão”. (SALOMÉ, 1992, p. 35).

Quando ingressou em Pforta – 05 de outubro de 1858 – sentiu, talvez, pela primeira vez a sensação de solidão. A nostalgia marcou boa parte de sua estadia nesta escola, como demonstra Janz:

En principio tuvo que luchar fuertemente contra la nostalgia, aunque casi cada domingo podía visitar a sua madre y sua hermana en Naumburg, o bien encontrarse con ellas a medio camino en la aldea de Altenburg, llamada ‘Almrich’ por los pforteanos. En los primeros tiempos escribía siempre, a primeras horas de la mañana, una carta a sua madre. (JANZ, 1987, p. 64).

Foi assim principalmente durante seus anos de pessoa errante (1879-1888) quando viveu de lugarejo em lugarejo quase todo o tempo isolado, apenas comunicando-se com seus poucos amigos através de cartas. Talvez o fato de Nietzsche ter optado pela solidão se explica pela sua, como ele mesmo se auto-afirma,³ ascendente nobreza familiar, ou seja, se Nietzsche era de uma linhagem nobre, este dado justifica a não integração dele com as pessoas “comuns”, com as pessoas não dotadas de um intelecto nobre. Cito:

Ó! Solidão! Pátria minha! Vivi muito tempo selvagem em selvagens países estranhos para não regressar a ti sem lágrimas! [...]

Ó Zaratustra! Sei tudo! e sei que tu, entre muitos, é o mais *abandonado*, mais solitário do que quando estiveste comigo [...]

Ó bendita solidão! Ó puros aromas! Como este silêncio aspira o ar puro a plenos pulmões! Como este bendito silêncio escuta

Em troca, além tudo fala e nada se ouve. Embora uma pessoa anuncie o seu sabor a toques de campainha, os merceeiros abafarão o som na praça pública com o ruído das suas moedas.

Entre eles tudo fala: já ninguém sabe compreender. Tudo cai a água; nada cai me fontes profundas.

Entre eles tudo fala; já nada se consegue concluir.



DANELON, Márcio.
Solidão e doença na metamorfose nietschiana.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 65-89,
2002.

3 Conforme afirma em *Ecce Homo*: “Já minha ascendência permite-me enxergar além das perspectivas puramente locais, puramente nacionais; não me exige esforço ser um ‘bom europeu’. Por outro lado, sou talvez mais alemão do que ainda podem ser os alemães de hoje, meros alemães do Reich – eu, o último alemão antipolítico. E no entanto, meus antepassados eram nobres poloneses: deles tenho muito instintos de raça no corpo, quem sabe até mesmo ainda, o *liberum veto*.” (NIETZSCHE, 2000, p. 26).

☞

DANELON, Márcio.
Solidão e doença na
metamorfose nietschiana.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 65-89,
2002.

4 É bastante presente na filosofia de Nietzsche o desdém para com os homens da praça pública, pois na perspectiva do filósofo alemão, o homem da praça pública representa o tipo mais baixo, aquele que se atrela à mais completa ignorância do que representa os ideais ascéticos da religião, da ciência, da política ou das artes. Nesse sentido, o homem da praça representa aquilo que Nietzsche chama de “último homem”, termo cunhado como oposição ao além-homem. É curioso notar que Nietzsche vai até a praça pública anunciar aos homens o além-homem. Como estes não compreenderam o sentido da mensagem de Zarathustra, este começou a falar do último-homem, ou seja, começou a falar deles próprios, ou seja, dos próprios frequentadores da praça. Além da praça ser o espaço do último-homem, não é, também, o lugar apropriado para, na perspectiva da filosofia nietschiana, derrubar ídolos, sendo, portanto, um lugar estéril para se anunciar o além-homem, conforme encontramos nessa passagem de *Zarathustra*: “Chegando à cidade mais próxima, às margens do bosque, Zarathustra encontrou, próximo a praça, uma grande multidão, pois anunciaram o espetáculo de um equilibrista. E Zarathustra falou dessa forma às pessoas: Eu vos ensino o além-homem. O homem é qualquer coisa que deve ser superado. Que coisa tivesse feito você para supera-lo?” E, mais adiante, constata o fracasso de falar aos homens da praça: “Dito estas palavras, Zarathustra olhou no-

Tudo cacareja; mas, quem é que quer ficar ainda no ninho a chocar ovos?
Entre eles tudo fala, tudo se dilui[...]. (NIETZSCHE, 2000a, p.171-172).

Nos tempos de estudante em Pforta, Nietzsche não cultivou íntimas amizades com outros estudantes, mantendo o convívio em um nível de amizade simplesmente formal. Esse fato talvez se explique pelo sentimento aristocrático que cultivava; achava-se uma pessoa diferente das outras em função de sua linhagem, ou por possuir em seus ascendentes, tanto paternos como maternos, pastores e pessoas que cultivavam as letras.

Durante mucho tiempo Nietzsche no mantuve relaciones cálidas con sus condiscípulos. Le ocurrió aquó como en el Instituto de Naumburg. Sus violentas y ruidosas diversiones no le atraían. En una excursión a Schönburg, por ejemplo, subió él solo a la torre, mientras sus compañeros bebían en la bodega, y se sentió feliz. (JANZ, 1987, p. 74).

E, num pequeno texto que escreveu na época de estudante em Pforta, encontramos um depoimento exemplar que retrata a experiência de solidão que Nietzsche vivenciou nesta época de sua vida:

Sin otra compañía que la mía,
que ellos se entreguen en los sótanos a sus libaciones
hasta caer en el suelo.
Yo practico mi oficio de señor. (NIETZSCHE, apud JANZ, 1987, p. 74).

A solidão foi, para Nietzsche, uma necessidade vital à sua existência, pois, segundo ele, é o convívio com os “mercadores da praça” motivo para o acirramento de seu desfalecimento. Diz ele em *Ecce Homo*:

Isso me torna o comércio com os homens uma prova de paciência nada pequena; minha humanidade *não* consiste em sentir com o homem como ele é, mas em *suportar* que o sinta... Minha humanidade é uma contínua superação de mim esmo. – Mas tenho necessidade de *solidão*, quer dizer, recuperação, retorno a mim, respiração de ar livre, leve, alegre... (NIETZSCHE, 2000, p. 33).

Na filosofia de Nietzsche, encontramos uma crítica ao que ele chama de mercadores, aos homens da praça pública,⁴ que são as pessoas que cultivam os ideais da ciência, da metafísica, da religião. Nietzsche necessita da solidão dessas pessoas, não somente física, mas, também, da solidão espiritual, do distanciamento desses fracacos de espírito, como ele assim os denominou. O convívio com tais pessoas acentuaria ainda mais o seu sofrimento, pois tomaria contato

com os ressentidos, os resignados, os enfermos de espírito. Nietzsche necessita da solidão espiritual para poder cultivar em seu ser a transvalorização de todos os valores, cultivar a liberdade e independência de pensamento:

Não conheço outro modo de lidar com grandes tarefas senão o *jogo*: isto é, como indício de grandeza, um pressuposto essencial. A menor constrição, o ar sombrio, um tom duro na garganta são objeções a um homem, mais ainda à sua obra!... Não é lícito ter nervos... Objeção é também *sofrer* da solidão - sempre sofri somente da 'multidão'... (NIETZSCHE, 2000, p. 51).

Solidão espiritual era pressuposto, para Nietzsche, do cultivo do espírito livre e independente da moral cristã-ascética. Com respeito, em particular, ao fenômeno do cristianismo, encarava-o como uma das mais sublimes e perfeitas manifestações da moral decadente. O cristianismo é a perfeita expressão da moral do ressentimento, sendo que o distanciamento dessa moral se constituía em pré-requisito para o cultivo de uma moral livre e de afirmação positiva do homem. Nesse sentido, Nietzsche cultivou a solidão espiritual com respeito ao cristianismo, ou seja, sua postura de rechaçamento dessa moral obrigou-o a distanciar-se das pessoas que o tomam como um ideal de vida. Carta a Deussen, amigo de Nietzsche que, nos tempos de Pforta, também se preparava para estudar teologia.

Comparando a tua última carta com toda a tua anterior literatura epistolar, observa-se uma incrível diferença. Finalmente, desapareceu, agora que falamos a mesma linguagem e não sentimos coisas diferentes ao pronunciar as mesmas palavras, aquela separação que durante tanto tempo existiu entre nós [...] Agora abrigo, finalmente, também a teu respeito, as melhores esperanças. Muitas névoas deixaram de cegar teus olhos. Certo é que, como sucede comigo, te sentirás mais solitário do que nunca. É que, para nós, se tornaram inacessíveis muitas posições deslumbrantes da vida. Em compensação, também já não nos parecem dignas de esforço para alcançá-las. O nosso destino é a solidão espiritual e, às vezes, uma conversa com os que estão de acordo conosco. (NIETZSCHE, [19--], p. 81).

Nietzsche vivia solitário pois raramente encontrava alguém com quem pudesse compartilhar do mesmo trabalho filosófico. A sua solidão física nada mais era que a expressão de uma solidão espiritual muito mais intensa, fruto da não aceitação de sua filosofia pelo mundo acadêmico. Das raras pessoas com quem pôde desfrutar da comunhão de idéias, uma delas foi o músico alemão Richard Wagner:

Agora que falo das distrações de minha vida, preciso expressar, uma palavra de gratidão pelo que mais profundo e cordialmente nela me entre-



DANELON, Márcio.
Solidão e doença na metamorfose nietschiana.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 65-89,
2002.

vamente a multidão e calou-se. 'Eis-me aqui', disse ao seu coração, 'riem; não me entendem, eu não sou a boca para estes ouvidos'. (NIETZSCHE, 2000a, p. 7-13). Sobre uma discussão mais aprofundada sobre a figura da praça na filosofia de Nietzsche, inclusive a relação desta com a filosofia socrático-platônica feita por Nietzsche, ver o texto *O louco: Nietzsche e a mania da razão*, de Christoph Türcke, publicado pela Editora Vozes.

☞
DANELON, Márcio.
Solidão e doença na
metamorfose nietzschiana.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 65-89,
2002.

5 Carta a Hans Von Bülow, em que lemos como que uma despedida por parte de Nietzsche do convívio de Wagner e sua arte: “Graças a uma favorável causalidade, apercebi-me de que não chegaria a esquecer-me, apesar da solidão a que estou condenado desde 1876, solidão que justifica, em relação a mim, toda a espécie de esquecimentos e afastamentos [...] Agora, volto a estar mais solitário do que nunca e, por consequência, medito algo de novo. Creio que a prenhez intelectual é o único estado que, quando a vida nos cansa, volta sempre a reconciliar-nos com ela”. (NIETZSCHE, [19--], p. 213.)

6 Nietzsche atribuiu a Sócrates a responsabilidade pela decadência do modelo de vida trágico dos gregos que, segundo o filósofo, era a perfeita forma de vida. Nietzsche atribuía a Sócrates e a sua supervalorização da dialética e do conhecimento os fatores que ocasionaram a derrocada da visão trágica do universo.

7 Nietzsche argumentava que o cristianismo era a encarnação, por excelência, do modelo de moral escrava e decadente. O cristianismo é a moral do ressentimento, ou seja, dos homens incapazes de formular sua própria moral livre. A imagem que ilustra essa religião é a do rebanho (homens) que seguem passivamente seu pastor (padre).

teve. Que foi sem dúvida o trato íntimo com Richard Wagner. Faço pouco do resto de minhas relações; por preço algum estaria disposto a me desfazer dos dias em Tribtschen, dias de confiança, de jovialidade, de acasos sublimes - de momentos *profundos*... (NIETZSCHE, 2000, p. 43).

Com Wagner, Nietzsche pôde desfrutar das mesmas idéias quanto ao cristianismo, o judaísmo, a filosofia grega e a música da época, a tal ponto que o primeiro livro de Nietzsche *O Nascimento da Tragédia* fora dedicado a música wagneriana, constituindo-se numa propaganda de exaltação de Wagner.

Pois bem, essa breve ilha de muita comunhão de idéias durou pouco, e numa carta de 1882,⁵ afirma Nietzsche estar submetido à solidão desde o ano de 1876. Foi nesse ano que se deu o último encontro entre Nietzsche e Wagner, pois seus pensamentos já tinham-se tornados, nessa época, conflitantes. O espírito de Nietzsche se dirigia por caminhos diferentes, e ficou documentado com a publicação de *Humano, Demasiado Humano*, em que expressa o seu estado de espírito nessa época:

Os começos desse livro (*Humano, demasiado humano*) situam-se nas semanas do primeiro festival de Bayreuth; uma profunda estranheza em relação a tudo o que me cercava é um dos seus pressupostos. Quem tem idéia das visões que já então me haviam cruzado o caminho pode imaginar o que eu sentia, ao acordar um dia em Bayreuth. Inteiramente como se sonhasse... Onde estava afinal? Não reconhecia nada, mal reconhecia Wagner. Em vão folheava minhas lembranças. Tribtschen – uma longínqua ilha de bem-aventurança: nem sombra de semelhança. Os incomparáveis dias de colocação da pedra angular, o pequeno e *apropriado* grupo que celebrou, ao qual não faltavam dedos para as coisas delicadas: nem sombra de semelhança. *que havia acontecido?* (NIETZSCHE, 2000, p. 73).

O espírito intelectual de Nietzsche era por demais fervilhante para que alguém se aventurasse a navegar com ele por entre seus conceitos e idéias. O caminho das suas idéias formava uma corrente indomável que espírito algum conseguira navegar. “Nem sequer um deles o terá seguido esse espírito solitário, quase insondável, familiar e estranho ao mesmo tempo, e que delirava trazer em si o monstruoso e que desabou num delírio monstruoso”. (SALOMÉ, 1992, p. 31).

Tal era a situação de Nietzsche, um ser de uma capacidade intelectual extremamente intensa, proscrito do meio acadêmico, sem debatedores, sem discípulos, sem ressonância entre os filósofos. A sua postura frente à figura de Sócrates⁶ e do cristianismo,⁷ foram, com certeza, as causas principais, entre outras, da situação de isolamento que estava submetido. Em 1883, escreve a Overbeck:

Considerando só as minhas boas horas e minutos – na verdade, raros! – sou, e agora mais do que nunca, um dos mortais mais dignos de inveja. Entre tais momentos, há muitos outros que tocam o desespero, e nesses é que mais necessito de estar certo da tua paciência. Mas, nas minhas boas horas, sei que não tenho feito em vão, durante largos anos, a mais solitária das travessias. Sei que descobri o meu ‘novo mundo’, até agora ignorado por todos. Mas, resta-me ainda conquistá-lo palmo a palmo. (NIETZSCHE, [19--], p. 232).

E a Seydlitz, em 1888:

Raramente chega até mim uma voz amistosa. Agora estou só, absurdamente só. Na minha inexorável luta subterrânea contra tudo o que os homens têm amado e venerado até agora (‘transmutação de todos os valores’ é a minha fórmula), eu mesmo me tenho ido convertendo, insensivelmente, numa cova, em qualquer coisa escondida e difícil de encontrar, ainda que saia expressamente em sua busca. (NIETZSCHE, [19--], p. 277)

Os textos de Nietzsche marcam, sempre, uma ruptura, uma negação de antigos conceitos e o florescimento de novos modos de conceituação. Foram nessas inúmeras rupturas que cultivou solidão de seu espírito. Foi dessa forma que rechaçou com a tradição filosófica de cultivo do ideal socrático de conhecimento, atribuindo a Sócrates a responsabilidade pela decadência da filosofia. Foi assim também com *Humano Demasiado Humano* em que encontramos a definitiva ruptura com o ideal wagneriano. Esse texto marca também a negação de qualquer cultivo de ideal. Nietzsche proclamou, neste texto, uma guerra, um conflito que visa desvelar os ideais, pois estes nada mais são que coisas “humanas, demasiadas humanas”. No texto *Aurora*, coloca em suspensão as origens da moral e do valor, definindo-o como algo que é fruto do instinto de negação e de degeneração. O conceito de valor é, para Nietzsche, fruto dos instintos de decadência que governa o mundo. Sobre o livro *Assim falou Zaratustra*, afirma:

Excetuando esses trabalhos de dez dias, os anos durante e sobretudo após o Zaratustra foram de um infortúnio sem igual. Paga-se caro por ser imortal: morre-se várias vezes em vida. – Existe algo a que chamo a *rancune* do que é grande: tudo grande, uma obra, um ato, uma vez completado volta-se várias vezes contra aquele que o fez. (NIETZSCHE, 2000, p. 87-88).

No texto *Para além de bem e mal*, afirma Nietzsche ter feito uma crítica à modernidade, à ciência moderna, às artes modernas e a política moderna, e continua:



DANELON, Márcio.
Solidão e doença na metamorfose nietschiana.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 65-89,
2002.

Nesse sentido o livro é uma *escola do gentleman*, entendido o conceito de maneira mais espiritual e *radical* do que nunca. É preciso ter dentro de si coragem para simplesmente suportá-lo, é preciso não haver aprendido a temer... Todas as coisas de que a época se orgulha são percebidas como contrárias a esse tipo, como más maneiras que, por exemplo a famosa ‘objetividade’, a ‘compaixão pelo sofredor’... (NIETZSCHE, 2000, p. 95-96).

Com suas idéias expressadas em seus textos, Nietzsche distancia-se da massa de pessoas, do grande rebanho formado pelos ressentidos, malogrados, moralmente doentes, pois seus conceitos eram demasiadamente revolucionários para tal plebe:

Quem não fugiria de mim, quando descobrisse os deveres que nascem das minhas ideologias! Também V. fugiria, minha distinta amiga! Sim! Também V.! Uns ficariam quebrantados, outros perdidos... Deixe-me V., pois, na minha solidão! Compreendo agora que procedi como um asno, ao introduzir-me ‘entre os homens’. Devia saber o que me sucederia. (NIETZSCHE, [19--], p. 235).

Nietzsche mergulha numa completa solidão espiritual pelo fato de suas idéias retirarem o véu do “bom” e “bom” que encobre os ideais cultivados até hoje pela humanidade: verdade, ciência, religião, cristianismo. Essas idéias são, para Nietzsche, produtos da natureza ressentida dos homens.

É justamente esse distanciamento das pessoas, em função de sua filosofia, que isolou-o do meio acadêmico. Seus textos nunca foram, com raríssimas exceções, comentados ou discutidos no círculo intelectual. Em volta de seus escritos e de sua filosofia, fez-se sempre o mais mortal dos silêncios: não eram estudados e nem indicados. Seus livros pouco vendiam nas livrarias, e chegou a tal ponto de ter de custear, com seus próprios recursos, a publicação de vários de seus escritos. Na carta, de 1888, a Malwida, escreve Nietzsche:

Fez-se um grande vazio a minha volta. Não há ninguém que faça uma idéia da minha situação. o pior dela é, sem dúvida alguma, o não ter ouvido, desde a dez anos, uma só palavra digna de chegar até mim, e compreender isto, compreendê-lo como necessário. Dei à humanidade o seu livro mais profundo (*Assim falou Zaratustra*). E porque preço tenho de pagar tal feito! Depois dele, fiquei fora de toda a relação humana, submetido a uma tensão e vulnerabilidade insuportáveis, e convertido num animal continuamente atormentado [...] Julga V. que não recebo honorários alguns pelos livros que escrevo; mas o que talvez não saiba é que tenho de arcar com todas as despesas de impressão e distribuição (cerca de 4000 francos, nos últimos anos) e, além disso, estou prescrito da imprensa e das livrarias. (NIETZSCHE, [19--], p. 286-287).

O constante rechaçamento de antigos ideais, o intenso fervilhamento de conceitos, a independência de espírito e pensamento, não possibilitaram ao filósofo o cultivo de um discípulo. Nietzsche não teve ninguém em sua existência, alguém que o seguisse, alguém que compartilhasse de sua afinidade espiritual. Em sua vida, não houve ninguém que tivesse a capacidade de acompanhar a intensidade das suas metamorfoses de pensamentos; acompanhar a fúria destruidora de conceitos que sempre o caracterizou-o. Carta a Rodhe: “Ai, meu amigo: que vida tão louca e silenciosa a minha! Tão só! Tão ‘sem filhos’”. (NIETZSCHE, [19--], p. 237).

Abstract

The objective of this article is to study about the connection between Nietzsche's life and his work. For that, we will start from two crucial aspects of Nietzsche's life: the choice for the lonely life and the illnesses that accompanied his existence and we will establish a relation between these two aspects of Nietzsche's life with his philosophical work. We believe that loneliness and the illness influenced Nietzsche's philosophical works.

Key words: loneliness; illness; philosophy; free-spirit

Bibliografia

- HALÉVY, Daniel. *Nietzsche: uma biografia*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche: infância y juventud*. Madri: Alianza Universidad, 1987.
- NIETZSCHE, F. *Crepuscolo degli idoli*. Milão: Oscar Mondadori, 1995.
- _____. *Così Parlò Zarathustra*. Milão: Orscar Mondadori, 2000a.
- _____. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000b.
- _____. *Ditirambos de Dionisos*. Lisboa: Guimarães, 1993.
- _____. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. *Ecce Homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Despojos de uma tragédia*. Lisboa: Relógio D'Água, [19--].



DANELON, Márcio.
Solidão e doença na
metamorfose nietschiana.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 65-89,
2002.

⇐
DANELON, Márcio.
Solidão e doença na
metamorfose nietschiana.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 65-89,
2002.

_____. *Obras Incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Co-
leção Os Pensadores).

SALOMÉ, Lou Andréas. *Nietzsche em suas obras*. São Paulo: Bra-
siliense, 1992.

TÜRCKE, Christoph. *Nietzsche e a mania da razão*. Petrópolis: Vo-
zes, 1993. ⇐

